

Dossiê: Gênero, deslocamentos e fronteiras no/do mundo contemporâneo

## Entre Brasil e Bolívia: o trabalho doméstico a partir da experiência migratória de mulheres bolivianas em São Paulo

Eloah Vieira

Doutoranda em Antropologia (PPGA/UFPE)

### RESUMO

Neste artigo, discutimos a influência da imigração no trabalho doméstico a partir das experiências de mulheres bolivianas na cidade de São Paulo. Para isto, realizamos observação participante e entrevistas. Concluímos que as interlocutoras são as principais responsáveis pelo trabalho doméstico em suas casas. A imigração não significou maior participação de seus maridos neste trabalho. Entretanto, há diversas formas de articulação deste trabalho; algumas delas com particularidades relacionadas ao fato de as interlocutoras serem imigrantes.

**Palavras-chave:** estudos de gênero; trabalho doméstico; imigração; mulheres; bolivianas.

## Between Brazil and Bolivia: Discussing Housework Based on the Migratory Experience of Bolivian Women in Sao Paulo

---

### ABSTRACT

In this paper, we argue about the influence of immigration on housework based on the experience of Bolivian women immigrants in the city of São Paulo. To search this, we did participant observation and interviews. We concluded that these women are the main people in charge for housework in their houses. The immigration did not increment the participation of their husbands on housework. However, there many ways to articulate this work; some of them have particularities connected to the fact of these women are immigrants.

**Keywords:** gender studies; housework; immigration; women; Bolivian.

## Entre Brasil y Bolivia: trabajo doméstico en la experiencia migratoria de mujeres bolivianas en São Paulo

---

### RESUMEN

En este artículo, discutimos la influencia de la inmigración en el trabajo doméstico a partir de las experiencias de las mujeres bolivianas en la ciudad de São Paulo. Para esto, hicimos observación participante y entrevistas. Concluimos que las interlocutoras son las principales responsables del trabajo doméstico en sus hogares. La inmigración no significó una mayor participación de sus esposos. Sin embargo, hay varias formas de articular este trabajo; algunos de ellas con particularidades relacionadas con el hecho de que los interlocutores son inmigrantes.

**Palabras clave:** estudios de género; trabajo doméstico; inmigración; mujeres; bolivianas.

## Introdução

Este estudo analisa as estratégias articuladas por mulheres bolivianas na cidade de São Paulo para a realização do trabalho doméstico em suas casas e famílias. Todas as reflexões e dados aqui apresentados são fruto da nossa pesquisa de mestrado em Antropologia desenvolvida entre 2017 e 2019<sup>1</sup>. Movidos pela discussão sobre possíveis influências da imigração no trabalho doméstico, nos propomos a investigar as implicâncias da imigração nas estratégias de organização do trabalho doméstico articuladas por estas mulheres. Temos como objetivo analisar possíveis especificidades destas estratégias relacionadas ao fato de as interlocutoras serem imigrantes.

Na década de 1950 já havia registros sobre bolivianos residindo em São Paulo. Estes eram, principalmente, estudantes que participaram de um intercâmbio cultural Brasil-Bolívia e, acabados os estudos, continuaram no Brasil (SILVA, 1997; 2006). Em 1980, mesmo diante da recessão da economia brasileira, houve uma grande demanda por mão de obra barata para trabalhar nas confecções têxteis de São Paulo. Muitos bolivianos chegaram neste período a esta cidade (SILVA, 1997). Atualmente, os bolivianos estão entre os grupos de latino-americanos em maior número no Brasil, com destaque para a cidade e estado de São Paulo (BAENINGER e FERNANDES, 2017).

Nesta cidade, a grande concentração de bolivianos no ramo da costura se mantém até hoje (BAENINGER e FERNANDES, 2017). Sobre as experiências de bolivianos, existem vários estudos (RIBEIRO, 2018; SILVA, 1997) e muitos deles comentam sobre a condição de trabalho análogo ao escravo nas oficinas de costura. Nesta pesquisa, estudamos experiências de mulheres costureiras e também atuantes em outras áreas. Além do ramo têxtil, pode-se encontrar bolivianos trabalhando em outras atividades como artesanato, indústria e comércio (FREITAS, 2012). Dentro deste universo amplo, emergem as reflexões aqui apresentadas.

## Reflexões teóricas

Quando nos referimos a gênero neste trabalho, estamos considerando que este “é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos” (SCOTT, 1990, p. 14). As atividades não apenas são diferenciadas entre homens e mulheres, como também hierarquizadas (HIRATA; KERGOAT, 2007), uma vez que as relações de gênero se constituem como relações desiguais de poder (ORTNER, 2007;

SCOTT, 1990). O trabalho doméstico, por sua vez, envolve uma série de atividades como: “limpar a casa, lavar e passar roupa, cozinhar (...), cuidar dos filhos, dos idosos, administrar a casa, o cotidiano, fazer compras” (BRUSCHINI, 2006, p. 332).

Além do conceito de trabalho doméstico existem outros, como cuidado e *care*. Autoras como Molinier (2012) consideram que *care* inclui atividades de “dar atenção a”. O que, para esta autora, diz respeito não apenas às atividades de cuidado para com outras pessoas, como também o cuidado com a casa. Já Guimarães, Hirata e Sugita (2012) debatem as fronteiras entre o trabalho doméstico e o trabalho profissional de cuidado. Segundo estas autoras, existem diferentes “campos do *care*: o das tarefas domésticas, o do cuidado das crianças e o dos cuidados das pessoas dependentes” (GUIMARÃES, HIRATA e SUGITA, 2012, p. 85). Para estas autoras, o trabalho doméstico seria apenas um campo do *care*.

Em alguns estudos sobre migrações se utiliza cuidado, como categoria, ao se falar de mulheres imigrantes que são trabalhadoras domésticas no país destino (HIRATA e GUIMARÃES, 2012; DUTRA, 2012; MAGLIANO, PERISSINOTTI e ZENKLUSEN, 2016). Entretanto, escolhemos usar a categoria trabalho doméstico. Isto porque nosso estudo não tem como foco as experiências de mulheres que migram e trabalham como trabalhadoras domésticas na indústria do cuidado, mas sim analisar o trabalho doméstico que acontece nas casas e famílias das mulheres bolivianas em São Paulo e não nas casas ou famílias de terceiros. Nesta pesquisa, as mulheres analisadas podem ser ou não trabalhadoras domésticas. Portanto, neste artigo, quando falamos em estratégias para execução do trabalho doméstico, estamos interessados em analisar como que as mulheres bolivianas em São Paulo se organizam para a realização das atividades elencadas por Bruschini (2006) e Brites (2007) em suas casas e famílias.

Na literatura sobre trabalho doméstico, destaca-se que muitas vezes as mulheres são responsabilizadas por este trabalho tanto no Brasil como na Bolívia (DURHAM, 1983; PARELLA, 2012). No caso do Brasil, as mulheres gastam em média mais de 20 horas por semana executando atividades de trabalho doméstico, enquanto os homens despendem menos de 12 horas em média (IBGE, 2015). No caso da Bolívia, estudos mostram que as mulheres também gastam mais horas do que os homens neste trabalho (RAMOS, 2009; ZAMORRA, 2011).

A divisão de atividades entre homens e mulheres é nomeada por Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007) como divisão sexual do trabalho. Os estudos feministas não atribuem o fato de as mulheres serem maioria na execução do trabalho doméstico a

questões biológicas; mas sim ao fato de as atividades serem culturalmente e hierarquicamente distribuídas entre homens e mulheres, atribuindo-se comumente o trabalho doméstico às mulheres (BRITES, 2013; DURHAM, 1983). Dessa forma, abarcamos questões de gênero neste estudo, não por termos como sujeitas as mulheres, uma vez que gênero não se reduz a mulheres (SCOTT, 1990), mas por refletirmos sobre dinâmicas do trabalho doméstico que são culturalmente estabelecidas com base em concepções sobre ser homem e ser mulher.

Nesse trabalho, consideramos a intersecção do campo das migrações internacionais com os estudos de gênero. Entretanto nem sempre esta categoria foi incorporada neste campo. Como afirmam Ribeiro (2016) e Assis (2007), os estudos sobre migrações só começaram a atentar para diferenças e desigualdades de gênero no início dos anos 70. Alguns destes recentes estudos consideram que as concepções de gênero podem ser reconfiguradas na migração (GLICK SCHILLER, 2000), o que pode incluir mudanças na execução do trabalho doméstico (PARELLA, 2012), como uma maior participação dos homens (ALENCAR-RODRIGUES, STREY e ESPINOSA CANTERA, 2009; ASSIS, 2004; 2007). Ainda que, tanto no Brasil como na Bolívia, o trabalho doméstico seja culturalmente associado às mulheres (DURHAM, 1983; PARELLA, 2012), a imigração de bolivianas para São Paulo pode significar o contato destas mulheres com diferentes modos de organização deste trabalho ou a necessidade de reorganizá-lo em suas casas e famílias ao longo de suas trajetórias migratórias entre o Brasil e a Bolívia.

Para pensar sobre isto, refletiremos sobre as bolivianas como *transmigrantes* (GLICK SCHILLER, 2000). Este conceito problematiza a ideia de que a migração representa uma ruptura com o local de origem, propondo, pelo contrário, que as relações com este local são rearticuladas a partir da migração. Assim, consideramos os vínculos das interlocutoras com o país de origem ainda que tenham migrado para o Brasil. Além disso, analisamos como que a partir destes vínculos, elas articulam redes para a execução do trabalho doméstico. Nas trajetórias de migrantes, pode acontecer, por exemplo, de as mulheres migrarem para outro país e seus filhos ou outros parentes permanecerem no país de origem. Para o cuidado destes, comumente mulheres imigrantes articulam redes compostas por principalmente avós, mas também: tias, sogras, irmãs e cunhadas que moram no país de origem (HIRATA e KERGOAT, 2007; ASSIS, 2004; 2007; PARELLA, 2012; VASCONCELOS, 2013; SCOTT et al, 2015), formando cadeias globais de cuidado (PÉREZ OROZCO, 2010).

## Metodologia

Para responder o objetivo da pesquisa, realizamos trabalho de campo durante 5 meses na cidade de São Paulo, onde fizemos tanto entrevistas semi-estruturadas (GASKELL, 2002) como observação participante (MALINOWSKI, 1978; ANGROSINO, 2009).

As interlocutoras da pesquisa são: Joana, Margarida, Fernanda, Flora, Janete, Paloma, Bete, Vera, Laura e Dalva<sup>2</sup>. Consideramos mulheres em situações semelhantes e diferentes que nos propiciaram compreender diferenciações, reincidências e complementariedades do campo (MINAYO, 2017). Além disso, consideramos que realizar entrevistas qualitativas com pessoas de diferentes perfis foi uma possibilidade de ter acesso a uma variedade de pontos de vista (GASKELL, 2002). Trata-se aqui de uma pesquisa qualitativa que possibilitou um aprofundamento sobre especificidades nas histórias de algumas mulheres bolivianas em São Paulo. As histórias de vida das interlocutoras são diversas, ainda que com pontos de confluência. Todas elas são mulheres adultas, com documentação migratória regularizada, moradoras da capital paulista.

**Quadro 01 – As interlocutoras**

Nome	Idade	Local de origem	Ano de imigração	Filhos	Estado Civil	Profissão/ Ocupação
Bete	54	Oruro	1993	3 filhos	Casada	Costureira
Dalva	56	Santa Cruz	1996	1 filha	Casada	Diretora em sindicato / Vendedora
Fernanda	50	La Paz	2015	1 filha	Solteira	Psicóloga/ Desempregada
Flora	46	La Paz	1985	4 filhos	Casada	Costureira
Janete	37	La Paz	2006	5 filhos	Solteira	Costureira
Joana	41	Pacajes	1993/1994	5 filhos	Casada	Costureira
Laura	37	Cochabamba	2011	2 filhas	Casada	Psicóloga/ Doutoranda
Margarida	42	La Paz	2006	1 filho	Solteira	Pedagoga / Costureira
Paloma	34	Sucre	1987	1 filha	Solteira	Advogada
Vera	35	La Paz	1992	Não	Solteira	Dentista / Doutoranda

Planejamos, desde o projeto de pesquisa, observar as dinâmicas de trabalho doméstico nas casas e seguir com estas observações em outros espaços ocupados por estas mulheres. Assim, acompanhando as mulheres nos mais variados espaços, pudemos observar o trabalho doméstico para além do espaço da casa. Nos momentos que nos encontrávamos, não eram raras as ligações de seus filhos, seguidas por ordens dadas por elas ao telefone. Nas reuniões de articulações de imigrantes, comumente crianças estavam presentes e suas mães e avós alternavam a participação na reunião com o cuidado com seus filhos e netos. Nos ensaios de músicas, as mulheres sempre estavam organizando os lanches a serem servidos para as pessoas. Os ensaios também foram um espaço onde pudemos ver o cuidado com os filhos, como mães amamentando e trocando seus filhos bebês. Na praça Kantuta e na rua Coimbra, vimos famílias de bolivianos com adultos e crianças, sendo comum que as crianças menores e os bebês estivessem em carrinhos de bebês, carregadores de bebê ou nos *aguayos*<sup>3</sup>, o que também pudemos observar na feira da madrugada. Consideramos que, como comenta Pombo (2010; 2011), ações para a garantia dos cuidados dos integrantes da casa, como parte do trabalho doméstico, podem acontecer em locais para além do espaço doméstico.

Mais do que observar, também estava planejado participar do trabalho doméstico como forma de interagir em campo. Esta participação foi possível, para além das casas das interlocutoras, nos espaços das mais diversas atividades que elas integram. Nas idas às reuniões de grupos de imigrantes, não raramente fiquei brincando com as crianças enquanto as mães se reuniam. Assim como, participei da organização e distribuição de lanches e almoços nos ensaios de música que fui com Joana e Bete, além de ajudar com a comida e limpeza no aniversário da sobrinha de Margarida. Foi com Margarida, um dos momentos que mais recorro a minha participação no trabalho doméstico. Por ser feriado, Margarida combinou de ir ao parque com algumas de suas amigas e seus filhos para fazer um *aphtapi*<sup>4</sup> e me convidou para ir. Sobre a nossa ida ao parque escrevi no diário de campo:

Depois de um tempo, Margarida comenta que seu filho queria jogar futebol. Margarida me pergunta se eu vou jogar, digo que não vou jogar (...). E ela diz que eu fico de babá das crianças (gostei que ela usou esse termo). As outras mulheres riem quando Margarida diz isso. Elas vão jogar. E eu fico de babá. Brinco bastante com o filho de uma delas, ele ri bastante comigo (...). Ele fica em meu colo, tranquilo. O outro fica entretido comendo salgadinho (...). Depois de um tempo, a filha de uma delas, que estava brincando distante de nós, volta e eu brinco com ela de jogar bola de uma pra outra entre nossas pernas. Ela se distrai um pouco, mas antes estava achando ruim, querendo ir jogar com a mãe. (Diário de Campo. 31/05).

Além da possibilidade de observar e participar do trabalho doméstico em espaços públicos, seguir e acompanhar as mulheres nas mais variadas atividades de seus cotidianos me permitiu o acesso à casa de algumas delas. Nas idas às casas de algumas mulheres, pude observar e participar do trabalho doméstico. No domingo que fui à casa de Bete, por exemplo, enquanto os homens tocavam no ensaio, eu e ela organizamos o almoço. Ela cozinhou arroz. Eu lavei a salada. Servimos juntamente com feijão e frango. Depois que todos comeram, lavei os pratos, com exceção do prato de seu filho, que ele mesmo lavou. E, assim, na interação com as mulheres e suas famílias, a pesquisa foi se construindo.

Quando não me convidaram para ir em suas casas ou demoraram para fazer este convite, as interlocutoras estavam delimitando o que eu veria e onde iria. Esta não foi a única situação deste tipo. Comentar sobre mais um momento em campo pode ser elucidativo. Depois de um ensaio do grupo de música de Bete, a acompanhei com seu marido e amigos para beber um refresco na Kantuta. Quando estávamos bebendo, chegaram mais amigos e Bete me apresentou, dizendo que eu estava pesquisando sobre os bolivianos. De imediato, um dos amigos disse: “*saca la cerveza*”<sup>5</sup>, todos riram (Diário de Campo, 22/04/2018). Trago este exemplo para mostrar que não penso que a observação ou a entrevista transcorram de forma neutra, como se eu não estivesse ali. Como discute Clifford (1998), o pesquisador ocupa uma posição na teia de relações intersubjetivas da pesquisa e, portanto, não há posições neutras em campo.

A minha presença como pesquisadora afeta o espaço e não passa despercebida. Como comentam Hammersley e Atkinson (1994), precisamos reconhecer que estamos no mundo social que investigamos e não saímos dele ao longo da investigação. De forma que há reações a nossa presença. O pesquisador, como coloca Becker (2014), influencia a situação pesquisada. Para este autor: “A situação não é nunca exatamente como seria caso o pesquisador não estivesse lá” (p. 192). Tanto que, as pessoas pesquisadas, como comentei anteriormente, escolhem o que vemos, escutam e onde vamos em alguns momentos em campo. Sendo percebida, a nossa presença pode não ser desejada. Houve momentos, em que uma das interlocutoras me disse que estaria cansada de pesquisadores que aparecem para a pesquisa e depois somem. Dessa forma, também foi possível e necessário conversar em campo sobre a minha presença e o incômodo que ela poderia gerar.

Para realizar as entrevistas, um tópico guia (GASKELL, 2002) com as questões e temáticas a serem conversadas foi utilizado. Mas, se tratando de entrevistas



semiestruturadas, algumas perguntas variaram de entrevista para entrevista. Para que as entrevistas acontecessem a partir de uma relação de maior intimidade e confiança, só marcamos as entrevistas depois de alguns encontros e momentos de interação. Todos estes encontros foram fundamentais para que pudesse conhecer um pouco das mulheres antes das entrevistas e, assim, pudemos acrescentar ou alterar algumas questões. Dessa forma, os roteiros ganharam perguntas específicas para cada interlocutora.

Todos os momentos em campo foram passados a limpo no diário de campo. Terminado o campo, o diário foi relido e catalogado. Identificamos as temáticas mais recorrentes para prosseguir com uma análise temática (MINAYO, 2013; e GASKELL, 2002). Assim foi criado um arquivo com as temáticas, identificando as datas e páginas do diário em que foram feitas menções a cada temática. Para discorrer sobre cada uma, foi possível retornar ao diário e analisar as informações específicas.

Com as entrevistas, a análise se iniciou nas transcrições, como comenta Gaskell (2002). Todas as entrevistas foram escutadas na íntegra, e as partes relacionadas às temáticas da pesquisa foram transcritas. Este material também foi categorizado para realizar uma análise temática. Assim, ao corpo da transcrição, somou-se comentários com as temáticas identificadas em cada trecho. Isso permitiu retornar a cada entrevista, identificar e analisar os temas conversados. Com estes passos, construímos a análise de dados desta pesquisa.

## **Dados e reflexões**

Dentre as interlocutoras, Laura imigrou com suas duas filhas; Margarida imigrou com seu filho e Fernanda imigrou com sua filha. Já Bete, Dalva, Janete imigraram enquanto seus filhos permaneceram na Bolívia, assim como Paloma, que ficou na Bolívia, quando seus pais imigraram. Joana ainda não tinha filhos quando imigrou. Assim como ela, Flora ainda não tinha filhos e veio com seus pais como Vera. Muitas delas moravam com seus pais na Bolívia, o que mudou para algumas delas ao imigrar. Fernanda morava com a irmã de uma amiga quando chegou a São Paulo, Laura morava com seu marido e filhas, já Bete, Margarida, Dalva, Janete e Joana moravam em seus trabalhos. Veremos que onde se mora e com quem se mora terá implicações nas estratégias de trabalho doméstico, assim como imigrar ou não com seus filhos.

Em campo, algumas interlocutoras pontuaram brevemente sobre possíveis diferenças entre a organização do trabalho doméstico no Brasil e na Bolívia, nos fazendo

refletir sobre a influência da migração no trabalho doméstico. Uma de nossas interlocutoras destacou que as brasileiras teriam mais tempo para si mesmas do que as bolivianas. Estas, segundo Laura, estariam muito presas à casa, aos filhos e ao marido.

Entrevistadora<sup>6</sup>: Você acha que é muito diferente, as brasileiras, as bolivianas?

Laura: Eu acho. Eu acho porque, no sentido assim, que eu acho que aqui vocês têm, estão mais adiantadas em questões de gênero. Digamos por que você vê as mulheres que se arrumam mais, se *dan* um tempo pra elas. As bolivianas você não vai ver tanto isso. Poucas pessoas fazem isso. A maioria, elas cuidam mais do marido, dos filhos, do que delas. Então elas não se dão presentes pra elas, tipo comprar um sapato. Compra pra o filho, compra pra o marido e esquecem delas. E as brasileiras não, pensam eu acho primeiro elas, depois o marido e os filhos (...). Então, a mulher boliviana é muito, aí é a mulher mais no cuidado da casa, lavar a roupa, cuidar das crianças, arrumar a casa, estar com as crianças. São poucos os homens que saem com os filhos pra passear, digamos. Ou a mulher está carregando um filho aqui, outro filho na mão, e o marido está só com as mãos no bolso. Então é um machismo muito mais instaurado eu acho (...). Então eu *veo* essa diferença. E algumas mulheres também já *percibiran* isso, porque cobram dos maridos pra eles ajudarem. E eles *comenzan* a falar, né, “aí você tá querendo parecer brasileira”, né, “tá achando que vai ser igual que a mulher brasileira, não vai fazer nada, vai ficar no salão de beleza, né?” Então elas escutam isso (Laura, entrevista, 02/05/2018).

Considerando esta diferença entre Brasil e Bolívia, Laura comenta que algumas mulheres bolivianas ao imigrar começariam a se comportar de forma diferente, cobrando maior participação dos seus maridos no trabalho doméstico, o que geraria tensões. Entretanto, destacamos que apenas Laura pontuou a possibilidade de a imigração para o Brasil significar uma maior divisão do trabalho doméstico com os maridos. Nenhuma outra interlocutora fez menção a isso ou associou a imigração para o Brasil com uma maior participação dos seus maridos no trabalho doméstico em suas casas. Pelo contrário, algumas interlocutoras destacam que o Brasil é mais “machista” do que a Bolívia e percebem isso também através da desigualdade na divisão do trabalho doméstico entre homens e mulheres. Dalva reforça que na Bolívia atividades de trabalho doméstico são ensinadas a todas as crianças na escola, enquanto no Brasil o ensino destas atividades aos meninos seria tido como negativo.

Entrevistadora: A senhora acha que é diferente isso na Bolívia e aqui? A senhora acha?

Dalva: É muito diferente que aqui *son más*. Acho que são mais machistas. Eu vi várias pessoas que ‘porque menino não pode fazer’. ‘A que menina não pode

brincar, assim, com menino'. Não sei o que. Ali não, ali. Todo mundo aprende tudo. Na escola mesmo *allá*, na Bolívia. Na escola que ensina a fazer tricô (...) pra menino e pra menina (...).

E: E cozinhar também?

D: Cozinhar também.

E: Os meninos também?

D: Também. E na escola que ensina culinária a partir da sexta, sétima série. E corte e costura também ensina na escola. Faz parte do calendário escolar. Coisa que aqui não tem (...).

E: E em casa, a senhora acha que os homens lá participam mais do que aqui? Nas suas casas.

D: É, a maioria. Tem sempre algum machista que não faz. Mas a maioria participa sim, participa muito.

E: E a senhora acha que divide igual lá? Cozinha, limpeza?

D: Eu acho que não. Eu acho que o homem ajuda, assim, um pouco, mas ajuda.

E: Ajuda, não divide?

D: *No* divide, só ajuda. Mas aqui não vejo muito isso não. Eu vejo que mais sobra mesmo. Meu marido fala, ele mesmo fala “Aqui no Brasil não é assim não. Aqui no Brasil, homem não faz nada de cozinha, de limpeza. Isso é coisa de mulherzinha” (...). Eu acho que não devia ser assim não. Se todos moram na mesma casa, por que não *compartir* de tudo né? (Dalva, entrevista, 30/06/2018).

O interessante é que na fala de Dalva temos um discurso oposto ao da fala de Laura. Dalva pontua que seu marido brasileiro reforça que “aqui (Brasil) não” há participação dos homens no trabalho doméstico e, portanto, as mulheres brasileiras fariam tudo. Enquanto na fala de Laura, os homens bolivianos considerariam que as mulheres brasileiras fazem menos do que as bolivianas em casa. Ainda que sejam discursos opostos, eles corroboram uma mesma atitude: a não participação de homens no trabalho doméstico, sejam eles bolivianos ou brasileiros. Em consonância com isto, algumas das interlocutoras, como Bete, Margarida e Vera destacam que as desigualdades de divisão do trabalho doméstico entre homens e mulheres seria igual tanto na Bolívia como no Brasil.

As interlocutoras que contam com a participação dos homens na execução do trabalho doméstico, puderam nos mostrar que esta participação é, muitas vezes, por elas articulada e permeada pelo conflito, *stress* e discussão. Houve casos em que a interlocutora discutiu mais de uma vez com seu marido sobre a sua participação no trabalho doméstico. O que percebemos em campo são algumas participações de maridos e pais dos filhos das interlocutoras, mas não pareceu haver grandes mudanças. Por outro lado, observamos mudanças pontuais nos casos dos filhos e netos das interlocutoras que participam do trabalho doméstico. Talvez essa seja uma mudança a longo prazo, pois elas comentam que

ensinam a seus filhos, mas os maridos de muitas delas parecem não estar de acordo e continuam a ter participações nulas ou pontuais.

O que pudemos perceber é que ainda que alguns autores (ASSIS, 2004; 2007; ALENCAR-RODRIGUES, STREY e ESPINOSA CANTERA, 2009) destaquem que a migração pode significar uma maior participação dos homens no trabalho doméstico, esta possibilidade não foi um grande destaque em campo. Na pesquisa, destacou-se a possibilidade de uma maior divisão do trabalho doméstico com homens a partir de gerações futuras, mas não como impacto da migração.

O fato de a imigração para o Brasil não implicar em uma maior divisão do trabalho doméstico com os homens na experiência de muitas das interlocutoras, não quer dizer que o ato de migrar não tenha impactado na forma como estas mulheres articulam a execução do trabalho doméstico em suas casas e famílias. Em campo, percebemos a existência de especificidades nas estratégias articuladas por estas mulheres relacionadas ao fato de serem imigrantes.

Uma dessas especificidades é que, sendo migrantes, as mulheres podem acessar redes no Brasil diferentes daquelas que acessavam na Bolívia, podendo ser outra a forma como organizam o trabalho doméstico ao imigrar. Dalva, logo que imigrou, deixou sua filha na Bolívia com a sua mãe porque era a única pessoa em que ela confiava. Em contrapartida, quando Dalva trouxe sua filha para São Paulo, ela deixou de ter esta rede com sua mãe e passou a desempenhar sozinha o trabalho de cuidado para com sua filha. Ela fala que:

Dalva: Como eu tinha confiança na minha mãe, deixei com ela (...).

Entrevistadora: E aí aqui quando a senhora veio a senhora não tinha ajuda da mãe da senhora?

D: Não porque ela estava *allá* (...).

E: Mas aí quando a filha da senhora veio aqui, a senhora ficou só a senhora cuidando dela? Sua mãe não tava. Porque quando a senhora tava lá a sua mãe ajudava a senhora. Mas quando a sua filha veio a senhora não tinha essa ajuda?

D: Não, de ninguém por isso que não podia trabalhar. Só comecei a trabalhar quando ela ficou mocinha, com uns catorze, quinze anos, que já dava pra ela ficar em casa por meio período. Não dá pra confiar nessa idade né? Graças a Deus ainda teve cabeça. Porque eu pensava, minha filha tá ficando mocinha, a prostituição, as drogas, pedia tanto a Deus pra me dar vida pra poder orientar ela (...).

E: E nem vizinha não ajudava?

D: Não, não, não.

E: A senhora que.

D: Eu mesmo, não confio a ninguém. Nunca confiei. Ali na Bolívia também não. *Yóia* no médico, digamos, com ela pequenininha. Quando entrava, entrava junto com ela, segurava ela aqui. Não deixava não. Só deixava com minha mãe mesmo. Não deixava com ninguém. Aqui, pior, não conhecia ninguém (Dalva, entrevista, 29/06/2018).

Dalva afirma que só confiava em sua mãe para dividir o cuidado de sua filha. Mas ao migrar com sua filha e sua mãe permanecer na Bolívia, Dalva não conhecia mais ninguém em quem confiasse para dividir este trabalho. Então, a estratégia dela foi deixar de trabalhar fora de casa para se dedicar exclusivamente à sua filha. Dalva não é única a comentar sobre as redes que tinha acesso na Bolívia. Assim como Dalva, demais interlocutoras também acionavam outras mulheres de suas famílias para a execução do trabalho doméstico quando moravam na Bolívia. Margarida contava com sua mãe que buscava seu filho na creche enquanto ela ainda não tinha saído do trabalho. Assim como Margarida, Fernanda morava com seus pais e contava com o apoio deles para o cuidado de sua filha. Laura tinha o auxílio de suas irmãs para o cuidado de suas filhas enquanto elas eram pequenas. Ela também destaca que morava perto de seus pais. Aqui em São Paulo, ainda que Laura tenha irmãs que moram na mesma cidade, elas não moram próximo como moravam na Bolívia e Laura não tem a “facilidade” de poder acioná-las, ainda que ela faça a ressalva de que agora não é mais tão necessário dado que suas filhas estão maiores.

Laura: Minhas irmãs ajudavam com as crianças, então quando eu tinha que limpar, minhas irmãs vinham, pegavam minhas filhas, levavam pra casa delas e dos meus pais. Porque a gente morava aqui e na volta do *misso* quarteirão moravam meus pais. Então as irmãs levavam minhas filhas.

Entrevistadora: E aqui (em São Paulo) as suas irmãs...

L: Elas moram muito longe, não tem essa facilidade. (Laura, entrevista, 02/05/2018).

Ainda que as interlocutoras não tenham rompido completamente suas relações e contatos com o país de origem, a distância pode impactar na rede que estas mulheres têm acesso para articular o trabalho doméstico de suas casas e famílias. Muitas delas deixaram de morar perto de parentes que as auxiliavam no trabalho doméstico, principalmente no que se refere ao cuidado com os filhos. Diante disso, é necessário que estas mulheres, sendo imigrantes, lancem mão de outras estratégias para organizar o trabalho doméstico, como: saída do mercado de trabalho, participação das filhas na divisão do trabalho,

intensificação da dupla jornada (BRUSCHINI, 1987), além do acesso a creches. Analisando o trabalho doméstico, percebemos que as pessoas que poderiam ser acionadas para participar deste trabalho estão bem mais longe do que estavam na Bolívia quando moravam juntas ou no quarteirão seguinte. A imigração, portanto, influencia nas possibilidades de estratégia para execução do trabalho doméstico dado que algumas pessoas não poderão mais ser acionadas como antes, o que não quer dizer que não haja contatos entre o país de origem e o país destino.

Quando analisamos, nesta pesquisa, as estratégias articuladas pelas mulheres bolivianas para a realização do trabalho doméstico em suas casas e famílias, não foram raras às menções a casas e famílias não só no Brasil como também na Bolívia. Considerando que estas mulheres estão no Brasil, mas suas histórias não começaram aqui, muitas, enquanto *transmigrantes* (GLICK SCHILLER, 2000) mantêm vínculos com o país de origem. E, por estes vínculos, perpassa o trabalho doméstico.

Em função da migração, a família se reorganiza e os arranjos familiares ganham novos formatos. Segundo Bryceson e Vuorella (2002) e Silva (2012), a família transnacional seria um modo de vida no qual novas funções familiares são definidas diante da distância. E estes modos de vidas fogem de percepções hegemônicas sobre família.

Na trajetória de quatro das interlocutoras, é marcante a presença do trabalho doméstico entre Brasil e Bolívia. Nem sempre mães imigraram com seus filhos, o que necessitou a articulação de redes para que o trabalho doméstico executado por esta mulher na Bolívia fosse reorganizado, agora que ela imigrou para o Brasil e passou a estabelecer novas relações com o país de origem. Este é um outro fator que nos faz pensar que as trajetórias das interlocutoras, enquanto imigrantes, podem ter algumas especificidades na forma como organizam o trabalho doméstico.

Paloma ficou na Bolívia, quando criança, enquanto seus pais imigraram para o Brasil. Assim como os pais de Paloma, Janete, Bete e Dalva imigraram sem seus filhos, que permaneceram na Bolívia aos cuidados de outras pessoas. Nos casos de Dalva e Bete vale destacar que elas imigraram para trabalhar em São Paulo cuidando da filha ou da casa de outras pessoas, respectivamente, enquanto reorganizavam o trabalho doméstico outrora feito por elas em suas casas e famílias na Bolívia. Assim, foram sendo compostas cadeias globais de cuidado. Nestes casos, a imigração impactou diretamente as estratégias de organização do trabalho doméstico dado que as principais responsáveis pelo trabalho de cuidado com as crianças migraram, mas as crianças permaneceram no país de origem,

tendo que se reorganizar as estratégias. Nos casos das interlocutoras em questão, cadeias globais de cuidado foram a estratégia articulada.

Além de Janete, Dalva, Bete e os pais de Paloma que estavam no Brasil, outras pessoas na Bolívia integraram estas cadeias para garantir o cuidado dos seus filhos que ficaram na Bolívia. A filha de Dalva ficou aos cuidados da avó materna. No caso de Janete, ela só tinha um filho quando imigrou para São Paulo e ele ficou com a avó materna. Os dois filhos mais velhos de Bete já tinham nascido quando ela imigrou, mas eles não imigraram. O filho mais velho ficou com a avó paterna. Já seu filho mais novo foi para um internato, aos cuidados de freiras. No caso de Paloma, foi ela quem ficou com sua avó materna. Destacamos que, em todos os casos, são mulheres, muitas vezes as avós, que se responsabilizaram pelo trabalho de cuidado com os filhos das interlocutoras que ficaram na Bolívia. Sendo mulheres, há um reforço à divisão sexual do trabalho agora em contextos transnacionais. As interlocutoras estabeleceram redes, portanto, com outras mulheres, principalmente suas mães, para concretizarem seus projetos migratórios. Com relação às avós, vale destacar que a importância delas se mantém até hoje na vida das interlocutoras, mas agora de outra forma. Bete e Dalva, que acionaram avós de seus filhos para o cuidado deles enquanto imigravam para o Brasil, são agora acionadas, enquanto avós, para o cuidado de seus próprios netos nascidos no Brasil.

Sobre a participação das avós, também houve relatos em campo sobre avós que visitaram filhos e netos no Brasil para auxiliar com o trabalho de cuidado das crianças pequenas. Este foi o caso de Paloma. Depois que ela e suas irmãs vieram para o Brasil para ficar com seus pais, receberam várias visitas de sua avó materna para auxiliar no cuidado com elas. Além desta avó, Paloma também comentou sobre a presença de uma tia, irmã de sua mãe. Ela, mais do que visitar, passou temporadas na casa de Paloma para auxiliar no trabalho de cuidado com as crianças, o que já fazia quando moravam na Bolívia. Apenas Paloma fez menção às visitas de parentes vindas do país de origem para auxiliar no trabalho doméstico das famílias no Brasil. Esta possibilidade nos faz refletir sobre como que as relações entre Brasil e Bolívia não se rompem plenamente em função da migração, mas são reestruturadas em novos formatos e a partir de novos lugares. Pensando as interlocutoras como *transmigrantes*, destacamos a importância de refletir sobre como a conexão entre os dois lugares permeiam as dinâmicas de trabalho doméstico. Esta conexão pode acontecer entre famílias no Brasil com parentes na Bolívia que fazem visitas, assim como entre mulheres imigrantes aqui no Brasil e seus filhos e familiares na Bolívia compondo as cadeias globais de cuidado. Se outrora analisamos como que a distância em

função da migração impacta no trabalho doméstico, podemos agora pensar como que o contato entre os dois países também influencia neste trabalho.

Tendo imigrado sozinhas, algumas interlocutoras comentaram conosco sobre como era o contato com seus filhos quanto estes ainda estavam na Bolívia. Bete, nos primeiros anos que esteve no Brasil, não conseguiu estabelecer contato com sua família na Bolívia. Tanto que as pessoas acharam que ela tinha morrido e se assustaram quando ela voltou para buscar seus filhos. O caso de Dalva já foi diferente. Ela comentou conosco que falava com sua filha e sua mãe pelas cabines de telefone que existem até hoje entre as ruas Coimbra e Bresser. Como comenta Vasconcelos (2013), as ligações são uma importante forma de conexão entre mães e filhos que estão em países diferentes, sendo até uma forma daquelas participarem do cuidado destes.

Quando Dalva falava com sua filha pelo telefone, ela chorava e pedia que a mãe voltasse assim como também pedia que a levasse pra São Paulo. Tanto Dalva como outras interlocutoras comentam sobre as dificuldades de manter-se longe dos filhos. Tanto que todas as interlocutoras que experienciaram a cadeia global de cuidado, fizeram desta uma estratégia temporária. Depois de algum tempo tendo imigrado, as interlocutoras voltaram pra Bolívia para buscar seus filhos. Trazer seus filhos para o Brasil significou, no caso de algumas interlocutoras, a necessidade de negociar com seus maridos, pois estes nem sempre concordavam com a vinda de crianças filhas de relacionamentos anteriores de suas esposas. Dalva comentou que seu marido não queria que ela trouxesse sua filha por não ser filha dele. Já na casa de Janete, a relação de seu então marido e seu primeiro filho também foi permeada pela tensão. Por outro lado, no caso de Bete, seu marido apoiou que ela fosse buscar seus filhos. O seu segundo filho veio com Bete quando ela foi buscá-lo, mas o filho mais velho não quis vir para o Brasil. Ele optou por ficar com sua avó paterna na Bolívia. Desta vez, Bete conseguiu manter contato com ele pelo telefone e chegou a visitá-lo. Mas, segundo ela, ele só falava com ela pelo telefone quando queria e demorou para querer vir para o Brasil, o que aconteceu há cerca de oito anos.

As visitas à Bolívia e ligações telefônicas também estão na memória de Paloma. Ela se lembra de, quando pequena, ir até uma telefônica no centro da cidade de São Paulo para poder conversar com sua avó que estava na Bolívia. A conexão com as pessoas que estão na Bolívia através do telefone se mantém até hoje, mas, como bem salienta Dalva, agora esta conexão se dá através dos aplicativos de comunicação como o *WhatsApp*. Dalva comentou conosco que participa de um grupo neste aplicativo com todos os seus irmãos. E é através deste aplicativo que ela fica sabendo como estão e também onde pode contar



sobre como está sua vida em São Paulo, assim como enviar fotos. Margarida também comenta que faz uso destes aplicativos para falar com seus pais. Mas, para isso, ela precisa da ajuda de seu irmão. Este irmão seria o mediador tecnológico (CARPENEDO e NARDI, 2017), que, sendo mais novo, auxilia seus pais no uso destas tecnologias de comunicação. Joana também faz uso destes aplicativos para falar com seus familiares que estão na Bolívia. É através destes aplicativos que ela conversa com eles, se comunica por vídeo e envia fotos. Segundo ela, há um tempo a comunicação com os familiares na Bolívia era muito mais difícil. Quando imigrou, na década de 90, ela se comunicava com seus familiares por carta. Quando alguém viajava pra Bolívia, levava a sua carta e eventuais fotos. E, depois de muito tempo, voltava a resposta. Só por volta dos anos 2000, sua mãe conseguiu comprar um celular e elas começaram a se comunicar por ligações celulares.

Outra forma de relação entre o Brasil e a Bolívia comentada pelas interlocutoras foram as remessas. Em variados espaços em campo, como na Coimbra, na Kantuta ou no Bom Retiro, pudemos observar casas de envio de remessa. Todas as interlocutoras comentaram que enviam ou já enviaram dinheiro para seus familiares na Bolívia e algumas delas, como Bete e Vera, já enviaram também medicamentos para familiares doentes. Dalva enviava dinheiro para que sua mãe cuidasse de sua filha. Já Bete não conseguia enviar remessas de dinheiro logo que imigrou, mas depois de um tempo, começou a enviar. Nestes casos, como comentam Carpenedo e Nardi (2017), as mulheres não só participam do trabalho de cuidado com seus filhos à distância como são provedoras à distância.

Em outros casos, como no de Margarida, há o envio de remessas de dinheiro não para um filho, mas para seus pais idosos. Quando ela morava na Bolívia, ela auxiliava no cuidado deles, mas agora eles moram com outro filho e recebem dinheiro de Margarida. Assim, fomos percebendo que as conexões entre os dois países podem se dar de diferentes formas, seja por visitas, remessas, ligações ou cadeias globais de cuidado. Como dissemos, migrar, não significou para as interlocutoras romper plenamente relações com a Bolívia, mas, como *transmigrantes*, renegociá-las, o que por vezes, incluiu rearticulações com relação ao trabalho doméstico.

### Considerações finais

Através do confronto entre os dados coletados e os debates teóricos norteadores desta pesquisa, pudemos constatar que, ainda que alguns estudos mostrem que pode haver uma relação entre a migração e uma maior participação dos homens no trabalho doméstico (ALENCAR-RODRIGUES, STREY e ESPINOSA CANTERA, 2009; ASSIS, 2004;

2007), imigrar, no caso das interlocutoras, não implicou em uma maior participação de seus maridos no trabalho doméstico. Em campo, percebemos que são as mulheres que fazem o trabalho doméstico em sua maioria. Portanto, também concordamos com Carpenedo e Nardi (2017) quando destacam que as normas de gênero que organizam este trabalho se manteriam mesmo em contextos transnacionais.

As interlocutoras realizam atividades como limpeza e organização de suas casas, cozinha, cuidado de seus filhos e de pais idosos. A realização contínua destas atividades, em alguns casos desde a infância, impacta a vida das interlocutoras. Muitas delas nos relataram a sobrecarga de trabalho, o cansaço ou a impossibilidade de associar o trabalho doméstico com outras atividades políticas ou de trabalho. Tanto que algumas das interlocutoras saíram do mercado de trabalho para realizar o trabalho doméstico em suas casas e famílias.

Para realizar o trabalho doméstico as interlocutoras lançam mão de uma série de estratégias. Portanto, percebemos que além de serem as mulheres as responsáveis por este trabalho, elas articulam uma grande gama de estratégias para realizá-lo. Dentre estas estratégias estão: dupla jornada de trabalho, saída do mercado de trabalho, participação dos homens, rede com outras mulheres, cadeias globais de cuidado, visitas de parentes, creches e, por exemplo, trabalho doméstico remunerado. Muitas vezes, mais de uma dessas estratégias foi articulada simultaneamente pelas interlocutoras. Além disso, em campo, pudemos perceber que algumas destas estratégias tem especificidades relacionadas ao fato de as interlocutoras serem imigrantes.

Com esta pesquisa, identificamos que a imigração não impactou numa maior participação dos homens no trabalho doméstico nas casas e famílias das interlocutoras. Entretanto, isto não quer dizer que as mulheres não estejam articulando estratégias para uma maior participação dos homens e que ser imigrante não tenha implicado em formas específicas de organizar o trabalho doméstico. As estratégias que pudemos observar em campo são bastante diversas e massivamente executadas pelas mulheres. Além das interlocutoras, percebemos a forte formação de redes para a execução do trabalho doméstico, sendo possível observar redes no Brasil, assim como redes transnacionais. Dessa forma, estudar sobre as estratégias articuladas pelas interlocutoras para a realização do trabalho doméstico em suas casas e famílias, nos permitiu observar as relações delas tanto com diferentes atores, como seus maridos, filhos, mães, cunhadas e sobrinhos; quanto em diferentes lugares.

## Notas

1. Pesquisa de mestrado: “Estratégias articuladas por mulheres bolivianas em São Paulo para a realização do trabalho doméstico em suas casas e famílias”. Esta pesquisa foi financiada pela Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). As reflexões do presente dizem respeito, principalmente, ao último capítulo da dissertação. Uma versão preliminar deste artigo será apresentada no XI Encontro Nacional sobre Migrações da Associação Brasileira de Estudos Populacionais.
2. Como acordado com as interlocutoras, são utilizados nomes fictícios no estudo para garantir o anonimato.
3. Tecidos andinos super coloridos utilizados pelas mulheres para carregar mercadorias ou crianças (SILVA, 1997; YUJRA, 2016).
4. Momento de reunião, quando cada pessoa leva alguma comida e se come coletivamente. A comida pode ser colocada sobre um *aguayo* no chão para que todos comam.
5. Em português, significa “Tire a cerveja”.
6. A “Entrevistadora” é a própria autora desta pesquisa.

## Referências

ALENCAR-RODRIGUES, Roberta de; STREY, Marlene Neves; ESPINOSA, Leonor Cantera. Marcas do gênero nas migrações internacionais das mulheres. *Psicologia & Sociedade*, 21 (3): 421-430, 2009.

ANGROSINO, Michael. 2009. *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre, Artmed Editora S.A.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros*. 2004. 348 folhas. Tese (Doutorado, Sociologia) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas – SP.

\_\_\_\_\_. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, 2007, 15(3): 745-772.

BAENINGER, Rosana; FERNANDES, Duval (Org.) *Atlas Temático: Observatório das Migrações em São Paulo – Migrações Internacionais*. Núcleo de Estudos de População ‘Elza Berquó’, Campinas, SP. 2017

BECKER, Howard. A epistemologia da pesquisa qualitativa. *Revista de Estudos*

*Empíricos em Direito*, v. 1, n. 2, jul 2014, p. 184-198.

BRITES, Jurema. Trabalho Doméstico: Questões, leituras e políticas. *Cadernos de Pesquisa*, v. 43, n. 149, 2013. p. 422-451. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742013000200004&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742013000200004&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 5 set. 2016.

BRUSCHINI, Cristina. Trabalho da mulher: igualdade ou proteção? *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo (61): 58-67, maio 1987. Disponível em <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1244/1248> acesso em nov 2018.

\_\_\_\_\_. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não remunerado?. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 23, n. 2, dezembro, 2006. p. 331-353.

BRYCESON, Deborah; VUORELA, Ulla. *The Transnational Family – New European Frontiers and Global Networks, Cross-Cultural Perspectives on Women*, Oxford: Berg Publishers, 2002.

CARPENEDO, Manoela; NARDI, Henrique. Maternidade transnacional e produção de subjetividade: as experiências de mulheres brasileiras imigrantes vivendo em Londres. *Cadernos Pagu*, v. 49, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/18094449201700490012>>. Acesso em: dez 2018.

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: *A experiência etnográfica: Antropologia e Literatura no século XX*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1998. pp. 17-62.

DURHAM, Eunice. Família e reprodução humana. In: DURHAM, Eunice. et al. *Perspectivas Antropológicas da Mulher 3*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p. 13 – 44.

DUTRA, Délia. *Mulheres migrantes peruanas em Brasília*. O trabalho doméstico e a produção de do espaço na cidade. Tese (Doutorado Sociologia). Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

FREITAS, Patrícia Tavares. Imigração boliviana para São Paulo e setor de confecção – em busca de um paradigma analítico alternativo. In: BAENINGER, Rosana (Org.). *Imigração Boliviana no Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012. p. 155-178.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W. (org.) *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som : um manual prático*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GLICK SCHILLER, Nina. Teorização Feminista sobre Nação e Estado. *Caderninho CRH*, Salvador, n. 33, p. 113-142, jul./dez. 2000. Disponível em: <<http://www.cadernocrh.ufba.br/viewarticle.php?id=98>>. Acesso em: 2 set. 2016.

GUIMARÃES, Nadya; HIRATA, Helena; SUGITA, Kurumi. Cuidado e Cuidadoras: o trabalho do care no Brasil, França e Japão. In: HIRATA, Helena;

GUIMARÃES, Nadya. *Cuidado e Cuidadoras*. São Paulo: Atlas: 2012, p. 79 – 102.

HAMMERSLEY, Martin; ATKINSON, Paul. *Etnografia, Métodos de Investigación*. Ed. Paidós, Barcelona 1994.

HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya. *Cuidado e Cuidadoras*. São Paulo: Atlas: 2012.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n.132, 2007, p.595-609. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>>. Acesso em: 14/07/2016

IBGE: *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios* (PNAD), 2015. Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2015/default.shtm>>. Acesso em set 2018.

MAGLIANO, María José; PERISSINOTTI, María Victoria; ZENKLUSEN, Denise (Org.). *Los nudos ciegos de la desigualdad: Diálogos entre Migraciones y cuidado*. Buenos Aires: CONICET – Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas, 2016.

MALINOWSKI, Bronislaw. 1978 (1922). *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo, Abril.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa*. São Paulo, v.5, n.7, p.01-12, abril 2017.

\_\_\_\_\_. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: HUCITEC Editora, 2013.

MOLINIER, Pascale. Ética e trabalho do care. In: HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya. *Cuidado e Cuidadoras*. São Paulo: Atlas: 2012, p. 29 – 43.

ORTNER, Sherry. Uma Atualização da Teoria da Prática. In: GROSSI, Miriam Pillar; ECKERT, Cornelia; FRY, Peter Henry (Org.). *Reunião Brasileira de Antropologia*. Conferências e práticas antropológicas. Blumenau: Nova Letra, 2007, p. 19-44.

PARELLA, Sònia. Familia transnacional y redefinición de los roles de género: El caso de la migración boliviana en España. *Papers: Revista de Sociologia*, Barcelona, v.97, n.3, p. 661-684, 2012. Disponível em <<http://papers.uab.cat/article/view/v97-n3-parella>>. Acesso em 1 set. 2016.

PÉREZ OROZCO, Amaia. *Cadenas globales de cuidado*. ¿Qué derechos para un regimen global de cuidados justo? Santo Domingo: Instituto Internacional de Investigaciones y Capacitación de las Naciones Unidas para la Promoción de la Mujer, 2010. Disponível em: <[http://www.mueveteporlaigualdad.org/publicaciones/derechosparaunregimenglobalde cuidadosjusto\\_2010.pdf](http://www.mueveteporlaigualdad.org/publicaciones/derechosparaunregimenglobalde cuidadosjusto_2010.pdf)>. Acesso em: 1 set. 2016.

POMBO, María Gabriela. El trabajo doméstico y de cuidados no remunerado desde la perspectiva de las mujeres del Barrio Charrúa: desigualdades y resistencias en el ámbito de la domesticidad y la reproducción. Prácticas de oficio. *Investigación y reflexión en Ciencias Sociales*, Publicación del Posgrado en Ciencias Sociales UNGS-IDES, n. 6, agosto de 2010. Disponível em: <<http://ides.org.ar/wp-content/uploads/2012/04/artic252.pdf>> . Acesso em jul. 2017.

\_\_\_\_\_. La organización del trabajo doméstico y de cuidados no remunerados en mujeres migrantes procedentes de Bolivia: posibles lecturas desde el feminismo poscolonial. In: BIDASECA, Karina Andrea; LABA, Vanesa Vazquez. *Feminismos y poscolonialidad*. 2. ed. - Buenos Aires : Ediciones Godot Argentina, 2011. p. 247-260.

RAMOS, Daniela Peixoto. Pesquisas de usos do tempo: um instrumento para aferir as desigualdades de gênero. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, 17(3), setembro – dezembro 2009. p. 861 – 870.

RIBEIRO, Clara Lemme. A feminização como tendência da migração boliviana para São Paulo. *Travessia – Revista do Migrante*, São Paulo, ano XXIX, n. 78, Janeiro – Junho 2016, p. 101 – 120.

\_\_\_\_\_. *Gênero e mobilidade do trabalho: bolivianas trabalhadoras na indústria de confecção de São Paulo*. 2018. 230 folhas. Dissertação (Mestrado, Geografia) – Universidade de São Paulo. USP – São Paulo – São Paulo.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. In: *Educação & Realidade*. v. 16, n. 2, jul/dez. Porto Alegre: UFRGS, 1990. p. 5-22

SCOTT, Russell Parry; VICENTE, Mariama; NÓBREGA, Leonardo; ACIOLY, Rafael. As rearticulações de sociabilidade decorrentes de migrações internacionais. In *Áltera - Revista de Antropologia*, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 37-55, jul./dez. 2015. Disponível em <http://periodicos.ufpb.br/index.php/altera/article/view/26989> . Acesso em 07 jul. 2016.

SILVA, Victor Hugo Martins Kebbe da (2012). 一期一会 Na vida, única vez: fabricando famílias e relacionamentos entre decasséguis no Japão. 303 folhas. Tese (Doutorado, Antropologia). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos – SP. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/243/4816.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> . Acesso em jun 2019.

SILVA, Sidney Antonio da. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 20, n. 57, maio – agosto 2006. p. 157-170.. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142006000200012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142006000200012&script=sci_arttext)> . Acesso em: 15 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. *Costurando sonhos: trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos que trabalham no ramo da costura em São Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1997.

VASCONCELOS, Iana dos Santos. *Articulações familiares transnacionais: estratégias de cuidado e manutenção familiar na fronteira Brasil/Venezuela*. 2013. 138 folhas. Dissertação (Mestrado, Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Mestrado interinstitucional UFPE/UFRR – Boa Vista – RR.

YUJRA, Veronica Quispe. Ah é? Tem que fazer?. In: GARCIA, Luana de Freitas (Org.). *Histórias que se cruzam na Bolívia*. São Paulo: VGL Publishing, 2016. p. 50 -58.

ZAMORRA, Elizabeth Jiménez. *La organización social de los cuidados y vulneración de derechos en Bolivia*. ONU Mujeres e Universidad Mayor de San Andrés. (2011). Disponível em: <http://catolicasbolivia.org/wp-content/uploads/2015/11/inv.-onu-la-organizacion-social-de-los-cuidados-y-vulneracion-de-derechos-en-bolivia.pdf> . Acesso em: set 2018.

Recebido em 15 de agosto de 2019.

Aceito em 20 de dezembro de 2019.